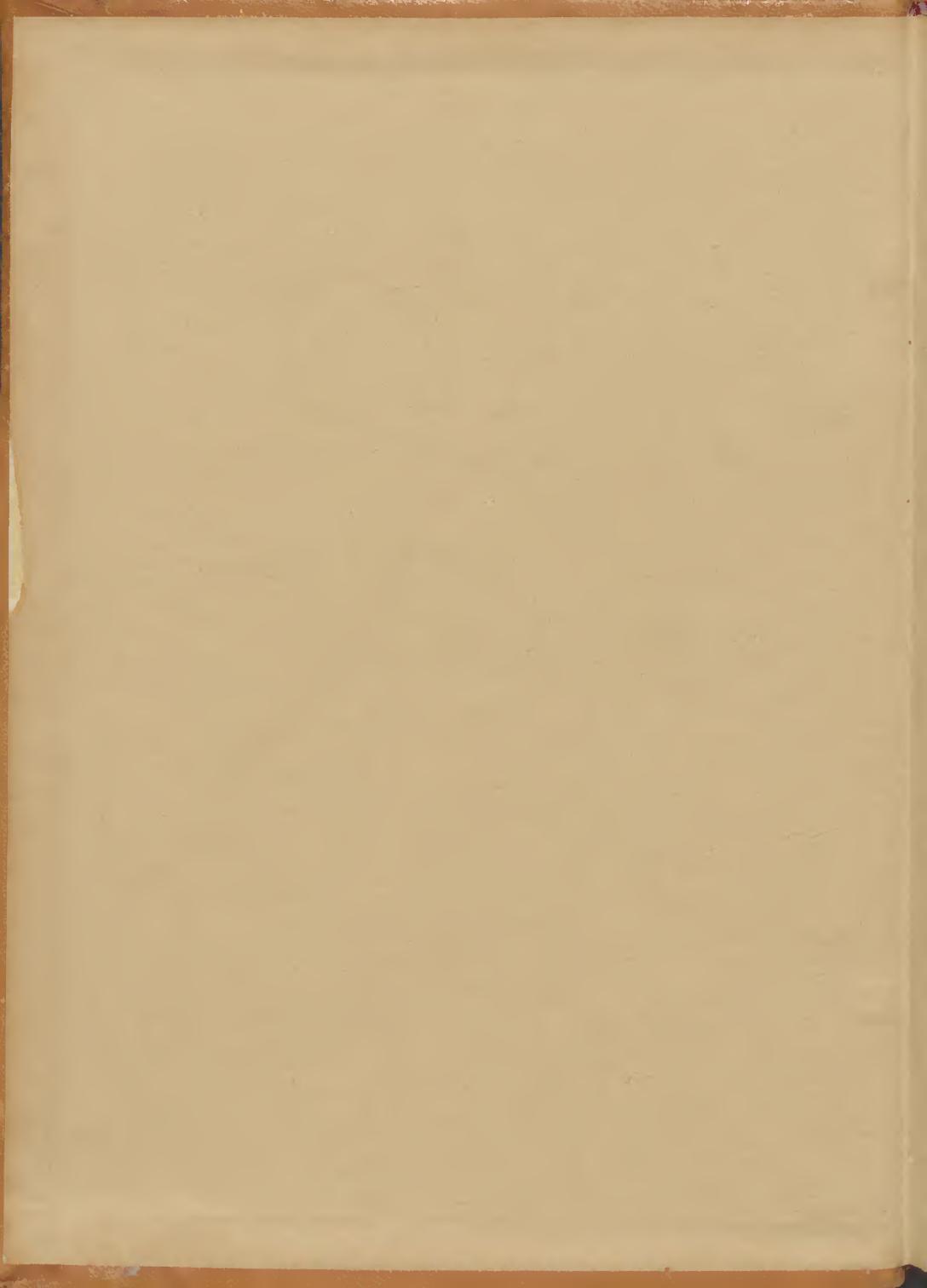


MANUEL DA ROCHA FREIRE

RELAÇÃO HISTÓRICA
DO QUE FIZERAM
OS MORADORES
DE
BARCELLOS





RARIDADE BIBLIOGRAPHICA.

RELAÇÃO

HISTORICA

DO

QUE FIZERAM OS MORADORES DE BARCELLOS, DESDE
O DIA EM QUE NA VILLA ACCLAMARAM D. JOÃO IV,
APENAS SABIDA A RESTAURAÇÃO DA CAPITAL
EM 1 DE DEZEMBRO DE 1640, ATÉ O
ULTIMO DE JANEIRO DE 1642:

PELO

Licenciado Manuel da Rocha Freire.

*Precedida d'uma noticia geral da villa de Barcellos,
escripta pelo Professor Pereira-Caldas.*

BRAGA:

LIVRARIA INTERNACIONAL

d'Eugenio Chardron, Largo de S. Francisco, n.º 4.

1871.



RARIDADE BIBLIOGRAPHICA.

RELAÇÃO

HISTORICA

DO

QUE FIZERAM OS MORADORES DE BARCELLOS, DESDE
O DIA EM QUE NA VILLA ACCLAMARAM D. JOÃO IV,
APENAS SABIDA A RESTAURAÇÃO DA CAPITAL
EM 1 DE DEZEMBRO DE 1640. ATÉ O
ULTIMO DE JANEIRO DE 1642:

PELO

Licenciado Manuel da Rocha Freire.

*Precedida d'uma noticia geral da villa de Barcellos,
escripta pelo Professor Pereira-Caldas.*

BRAGA:

LIVRARIA INTERNACIONAL

d'Eugenio Clardron, Largo de S. Francisco, n.º 4.

1871.

Cesse todo o triumpho celebrado,
Que o mundo solemnisa, escreve, e canta;
Que não ha *relação*, nem ha *memoria*,
A que a fama tribute tanta gloria.

Vicent. de Gusm. Soares—LUSITANIA
RESTAURADA, Cant. III. Oit. 62.

AO

ILLM.^o SENHOR

JOSE JOAQUIM D'ALMEIDA,

amador bibliographico, e colleccionador fervoroso

de livros antigos, salvando-os da destruição

frequentes vezes :

Como possuidor d'uma escolhida livraria em Braga,
e como natural de S. Mamede d'Arcuzêllo no
concelho de Barcellos :

O.

O EDITOR

Eugenio Chardron.

Não ha exemplar, que não vá devidamente rubricado.

157
Eugly

« Não é Barcellos menos illustre pela
« antiguidade, do que o é pelo amor
« aos seus soberanos.

Ant. d'Oliv. Freire — Descrição
Chorogr. de Portugal, *Comarc. de*
Barcell.

I.

Situada na direita do Cávado, a 12 kilómetros da sua foz no oceano entre as barras de Fão e Espozende, assenta a villa de Barcellos em posição salubre e ridente.

Na latitude de 41 graus e 36 minutos a norte do equador, e na longitude de 10 graus e 3 minutos a leste do meridiano da ilha do Ferro, a situa o *Padre Luiz Cardoso* no DICIONARIO GEOGRAPHICO DE PORTUGAL, Tom. II. Art. *Barcellos*; e conforma com o *Padre D. Luiz Caetano de Lima* na GEOGRAPHIA HISTORICA DOS ESTADOS DA EUROPA, Tom. II., no *Catalogo das Latit. e Longit. das Povoações de Portugal*.

O terreno que a circumda, é fertil e arborescido. O horisonte que a limita, é amplo e vistoso. O ceo que a cobre, é limpido e calmo:

A perspectiva da povoação, uma das mais memoraveis do Minho, é feiticeira e alegre: é graciosa e encantadora. Não ha no paiz muitas povoações tam agradaveis, tam deleitosas, tam risonhas.

Como villa aprazivel, em margens de rio ameno, com enthusiasmo a decanta *Manuel Thomaz*, no poema *INSULANA*, ao descrever no Livro I., Oit. 39, os rios Leça, Neiva, e Ave :

« Perto com claras aguas o Cadávo,
« Que, entre arvores e flores, causa alento,
« Pintando Abril na terra que senhor'a,
« Das mais mostra que foi, e o é agora.

II.

Folheada a historia, e interrogados os seculos, não lhe corre no passado menos incerta a fundação, que a etymologia do nome.

Apenas apparecem similes de Barcellos em Barcela do bispado de Tuy na Gallisa, em Barcelona da Catalunha na Hispanha, em Barcellis da Lombardia na Venecia, e em Barcelôr do Meliapôr na India. Não longe de Braga, e no concelho d'esta cidade, apparece ainda um simile de Barcellos em Barcelares, aldea da freguezia de Sancta Maria de Sobreposta, no extinto conto de Pedralva.

Da origem primitiva da povoação, não ha opinião fundada.

N'esta duplicada incerteza, está o titulo mais glorioso, o documento mais venerando, da grande antiguidade de Barcellos.

III.

Constituida a monarchia, deu foral a esta villa, reedificando-a de novo, o rei D. Affonso Henriques; e reformou depois o foral o rei D. Manuel. Tinha assento em cortes, no antigo regimen, no banco 14.^o

Gloria-se Barcellos de ser o primeiro condado de titulo territorial, depois d'erecto o reino, e o que mais annos se conservára, até que se extinguiu com o tempo.

Deu este titulo, á familia Menezes, o rei lavrador D. Diniz, não menos amante das letras que da agricultura, no anno de 1298. Creou-o na pessoa de D. João Affonso de Menezes, que da Hispanha se pas-sára a Portugal.

Foi D. João Affonso casado com D. Thereza Sanches, filha do rei D. Sancho III de Castella; e deu o sêr a D. Thereza Martins, casada com Affonso Sanches, fundadores do convento de freiras de Sancta Clara de Villa do Conde.

Affonso Sanches, senhor d'Albuquerque, era filho bastardo do rei D. Diniz.

IV.

Entre os titulares memoraveis da villa, apparece, como 3.^o conde, o infante nobiliarista D. Pedro, filho bastardo do mesmo rei lavrador, e alferes-mór do reino.

Ninguem lhe desconhece, dentro do paiz e fóra d'elle, o seu famoso LIVRO DE LINHAGENS, impresso posthumo em Roma em 1640, em folio grande, com o titulo de NOBILIARIO: embora n'este registro aristocratico, deduzido desde o berço da monarchia, seja talvez o infante D. Pedro, o que tenha ali o menor quinhão, no estado em que a obra corre.

Apparece, como 5.^o conde, D. João Affonso Tello de Menezes, valido intimo do rei D. Pedro I, e mordomo-mór do rei D. Fernando, cognominado o gentil, elevado ao solio em 1367.

Com faustuosas honrarias, nunca a outrem feitas no reino, o investira no condado o rei D. Pedro. Por entre cinco mil homens com tochas acesas, postados de noite nas ruas de Lisboa, desde o convento de S. Domingos até os paços reaes do Limociro, dançou o rei com os nobres toda a noite, no meio do povo que solemnizava ao conde o velar as armas, conforme o costume da epocha.

Descreve estes festejos, nos seus DIALOGOS, o *Padre Pedro de Mariz*, no Dial. III. Cap. IV.

Apparece, como 7.^o conde, D. João Affonso Tello de Menezes, alcaide-mór de Lisboa, e almirante do reino, irmão da rainha D. Leonor Telles, usurpada a seu marido João Lourenço da Cunha, pelo rei D. Fernando, em 1374.

Apparece, como 8.^o conde, o grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira, heroe superior á fama que o apregoa, e olhado como tronco da casa reinante de Bragança, começada nos annos de 1442, sendo o ducado mais antigo das Hispanhas.

Apparece, como 9.^o conde, o primeiro duque de Bragança D. Affonso, filho natural do rei D. João I, e genro do grande condestavel. Deu-lhe D. Nuno o condado em dote, com sua filha unica D. Brites Pereira, por lhe haver promettido o rei não crear outro conde em sua vida.

Com ambos estão apparentados os principes christãos da Europa.

V.

Como 11.^o conde de Barcellos, apparece-nos o 3.^o duque de Bragança D. Fernando, o segundo do nome, fronteiro-mór d'Entre Douro e Minho. Foi casado em segundas nupcias com D. Isabel de Portugal, irman do rei D. Manuel e da rainha D. Leonor, mulher do rei D. João II, e filha do infante D. Fernando, duque de Viseu e Beja, condestavel do reino, mestre das ordenas de Christo e Santiago, e filho do rei D. Duarte.

A este conde de Barcellos, e duque de Bragança, conde e duque de Guimarães, conde de Neiva, Arraiolos e Ourense, e marquez de Villa-viçosa, fez o rei D. João II justicar innocente em 1483, sobre um cadafalso, no meio da praça d'Evora: e assistiu em pessoa ao acto do julgamento, com manifesta má vontade contra D. Fernando, seu primo segundo e concunhado, para assim influir com os raios da magestade no animo dos julgadores!

Contra este acto do rei, que por suas mãos tirára tambem a vida ao duque de Viseu D. Diogo, seu primo coirmão e cunhado, protestou solememente um filho de Barcellos! Protestou no mesmo acto do julgamento, na sala do senado, diante do mesmo rei, que se cognomina o *principe perfeito*!

Foi D. Diogo Pinheiro, descendente de Tristão Gomes Pinheiro, nomeado procurador do innocente D. Fernando, e um dos maiores juriseconsultos d'então, douto em todo o genero de letras. Foi o famoso capellão e fidalgo da casa de Bragança, 1.^o commendatario do mosteiro de S. Simão da Junqueira, conselheiro d'estado, e desembargador do paço, prelado de Thomar, como vigario do mestrado da

ordem de Christo, 35.^o dom-prior da collegiada de Guimarães, e 1.^o bispo do Funchal na Madeira em 1514, fallecido em Thomar em 1526.

Foi o escriptor consciencioso, que legára á posteridade, como documento inconcusso, o MANIFESTO em que se mostra a innocencia do duque de Bragança D. Fernando II, a falta de prova da sua accusação, e a nullidade da sua sentença condemnatoria.

D'este escripto valioso, testemunho historico do reinado de D. João II, dá-nos cópia inteira D. Antonio Caetano de Sousa nas PROVAS DA HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL PORTUGUEZA, Tom. III. Livr. VI. Num. 83.

Faz menção do MANIFESTO, no n.^o 123, o sr. Jorge Cesar de Figueira, na sua BIBLIOGRAPHIA HISTORICA PORTUGUEZA. No sr. Innocencio Francisco da Silva, falta esta menção no seu DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO PORTUGUEZ, onde não apparece o nome de D. Diogo Pinheiro: embora não tivesse menos jus á menção n'esta obra prestimosa e monumental, que Francisco Ribeiro dos Guimarães, Gonçalo Dias de Carvalho, e Jorge de Sá Souto-maior, mencionados como auctores d'escriptos consimilhanes, e nenhum d'elles impresso tambem avulso.

VI.

No reinado de D. Sebastião, foi a villa de Barcellos elevada a ducado, em favor dos primogenitos da casa de Bragança, em que o titulo de condado andava incorporado.

O ultimo dos duques, foi o rei D. João IV, 8.^o duque de Bragança, e o segundo do nome, aclamado em 1 de Dezembro de 1640, ao baquear em Portugal o dominio da Hispanha, com que os reis Filippes nos tyrannisaram por 60 annos. O primeiro, foi-o D. João, o primeiro do nome, filho do 3.^o duque de Bragança D. Theodosio I, e avô do rei D. João IV.

VII.

O 9.^o conde, D. Affonso, enobreceu altamente a rainha do Cávado, a que o CENSO DE 1864 dá uma população de 3778 habitantes, contados entre elles 1099 de Barcelinhos, na esquerda da ponte de Barcellos.

D. José d'Urcullu, no TRACTADO ELEMENTAR DE GEOGRAPHIA, Tom. II. art. *Barcellos*, dava-lhe em 1837 uma população de 3900 habitantes: e não andava longe da exacção, nos calculos que fazia.

Enobreceu o conde a villa com paços magestosos, muros de circumvallação, duas elevadas torres, quatro portas, e tres postigos. Hoje, além das recordações, apenas restam quasi só as ruinas, devidas em grande parte á acção destruidora do terremoto de Lisboa, em 1 de Novembro de 1755. N'uma das antigas torres, está a cadea da villa, com todos os descommodos e desconfortos das nossas peiores cadeias.

Enobreceu-a egualmente com as armas que lhe dera, e se esculpiram nos paços do senado, gravando-lhe no escudete do meio da faxa, como honra dadivosa, a sua aspa ducal.

Compoem-se estas armas d'um escudo em campo azul, com ponte, terra, e ermida no fundo, com um carvalho á porta: e no cimo, em faxa, tem tres escudetes, contendo o do meio a aspa vermelha em campo de prata; e os outros dois, as quinas do reino.

Differem um pouco d'estas armas, as que fizera lithographar o snr. *Ignacio de Vilhena Barbosa*, nas suas *CIDADES E VILLAS da Monarchia Portugueza com brasões d'armas*.

VIII.

Enobreceu o conde ainda a villa, em 1433, com a erecção da matriz em collegiada, ultimada em 1464 por seu filho D. Fernando, o primeiro do nome, e confirmada pelo Pontifice Paulo II, fallecido em 1471.

Foi reformada pelo rei D. Pedro V, em CARTA REGIA de 8 d'Agosto de 1859, em vista da CARTA de lei de 16 de Junho de 1848, ordenatriz de nova reforma nas collegiadas do reino; e em conformidade com o DECRETO REGULAMENTAR de 27 de Dezembro de 1849, e com a CARTA REGIA de 14 de Fevereiro de 1850.

Confirmou-a na reforma, como prelado ordinario, o arcebispo primaz D. José Joaquim d'Azevedo e Moura, em SENTENÇA de 27 de Dezembro de 1859.

Os novos ESTATUTOS que a regem, confirmou-os o govêrno em 17 de Novembro de 1864.

IX.

O panorama de Barcellos, olhado do sitio do Sancho na quinta do Palmeiro, á direita do rio e abaixo da ponte, é dos mais donairosos da villa.

A' direita, avulta a antiga casa dos Gajos, appellido celebrisado em nossos dias por *Manuel José de Faria Gajo*. Legou á Sancta Casa da villa os seus amplos *manuscriptos* de GENEALOGIAS DE FAMILIAS, com obrigação de serem franqueados aos consultantes. Logo adiante, avulta a antiga casa dos Villas-Boas, appellido celebrisado em todos os tempos: e em nossos dias o sustentaram dignamente, na universidade de Coimbra, os exm.^{os} *Diogo de Villas-Boas* e *Fernando de Magalhães*, de que fomos contemporaneo d'estudos.

A' esquerda, com direcção ao centro, avulta o torreão do senado municipal, e a matriz da villa, com sua torre e capella do Sacramento.

No centro, avultam os restos dos paços ducaes, a cavalleiro da ponte, com que tambem enobrecêra a villa o 9.^o conde D. Affonso.

O fundo do quadro, embelleza-o o rio, cognominado *Cavo* em Ptolomeu, e *Celando* entre os romanos, denominando-se ainda *Celano* algumas vezes.

X.

Navegavel apenas até Mareses, aonde ainda afflue o refusto do mar nas marés, navegava-se o Cávado outr'ora em 18 kilómetros de extensão. Frequentavam-no por isso os romanos, que por elle conduziam nas frotas para Roma, não só as preciosidades que extrahiam das minas do norte do reino, senão ainda o mais que o paiz lhes ministrava.

Do encanamento d'este rio, assumpto de momentosa importancia, e que mais d'uma vez se tem discutido modernamente, nada ha que valha registro, nem como projecto, nem como obra. Só é digno de menção o *ALVARA' de 20 de Fevereiro de 1795*, a que anda annexo o respectivo *REGULAMENTO de fazenda e economia*, em 43 artigos, explanado em 11 mais nas *PROVIDENCIAS addicionaes* de 27 d'Abril de 1799.

Do PLANO do encanamento e navegação do Cávado, desde a foz em Espozende até o Van-do-Bico em Palmeira, a 6 kilómetros d'esta cidade, temos uma cópia esmerada, em nossa colleção de trabalhos graphicos do districto.

E' trabalho valioso do nosso famoso engenheiro Custodio Gomes de Villas-Boas.

XI.

Abaixo da ponte um pouco, na direita do Cávado, está no leito do rio um grande penedo de granito porphyroide, accessivel no estio, onde rebenta no pé um pequeno manancial d'agua sulphurea. N'essa estação, alastra esta agua o areal de sedimento alvadio, a que a sciencia dá os nomes usuaes de *clarina* e *barejina*.

E' analogo este manancial ás aguas sulphureas de Lijó e Gallegos, ambas contiguas uma da outra no concelho da villa, e applicaveis com proficuo resultado nas affecções herpeticas.

Tem estas aguas uma temperatura fria de 49 graus centígrados no thermometro de Celsio, que são equivalentes a 13,20 graus de Réaumur, e a 66,20 graus de Fahrenheit, com temperatura pouco superior na atmospherá. Pela analyse, deixam, em 1000 grammas d'agua, 0,00801 grammas d'acido sulphydrico, e 0,473 grammas de residuo solido, composto de sulphatos e chloruretos alcalinos, carbonatos de cal e magnesia, e pequenissimas quantidades de sílica, alumina, e ferro.

Cabe-nos a satisfação de termos dado nomeada official a estas aguas, valendo-nos da amisade do exm.^o João Baptista Schiappa de Azevedo, distincto engenheiro e naturalista consciencioso.

Conseguimos que ellas fossem enviadas á exposição universal de Paris de 1867; e que fossem para isso estudadas como convinha, de baixo da influencia dos podêres publicos.

O resto, fal-o-ha um dia o senado de Barcellos.

XII.

A leste e a oeste da villa, elevam-se ao longe como dois baluartes naturacs, os montes d'Airó e da Franqueira.

Em um e outro, assentam os extinctos conventos dos loios de Villar de Frades, e dos franciscanos do Bom Jesus do Monte. O convento dos conegos Evangelistas, de Benedictinos ao principio, fica na fralda d'Airó, para a parte do norte. O convento dos frades Capuchos, da provincia seraphica da Soledade, fica na vertente da Franqueira, não longe das ruinas do castello de Faria.

Ficava este antigo castello, de que se empregaram as pedrarias na construcção do convento, na freguezia de Sancta Maria de Faria, solar d'este nobre appellido dos primordios do reino.

Ambos os montes hão sido testemunhas d'asperrimas penitencias, dos que do mundo fugiam outr'ora para o claustro. Ambos hão visto, nos ministros do Crucificado, muita vida de fé, apoiada na crença; muita vida d'esperança, confiada no galardão; muita vida de charidade, liberalisada na esmola.

Ambos hão dado asylo a muitos justos, que alli viveram muita vida de contricção, especada na emenda; muita vida d'uncção, embebida no Altissimo.

D'ambos póde cantar-se com saudade, como do Libano cantára *D. Gabriel Bocangel*:

«Que al caducar del estrellado velo

«Se guardan para baculo del cielo.

XIII.

Nas festividades da invenção e exaltação da Sancta Cruz, em Maio e Setembro, confluam outr'ora a Barcellos ondas deromeiros, em veneração da appareção de cruces naturacs nos terreiros da villa. Hoje, é nos principios de Maio a maior affluencia de povo a Barcellos, onde então ha um mercado amplissimo.

Foi no reinado de D. Manuel em 1504, aos 20 de Dezembro, n'uma sexta feira de manhan, na volta das 9 horas, que o sapateiro João Pires, ao vir da missa da ermida do Salvador, attentára na terra com a primeira cruz. Viu-a no sitio do Campo da Feira, absorto e maravilhado, no local do templo actual do Senhor da Cruz, onde é venerada uma devota imagem de Christo com a cruz ás costas.

Trouxe de Flandres esta imagem, em 1505, um mercador da villa, conforme o *Chantre Manuel Severim de Faria* no PROMPTUARIO ESPIRITUAL, Cap. XXVIII, no artigo consagrado aos *Milagres das Cruzes de Barcellos*.

Na apparição das cruzes, nada vêem de miraculoso os naturalistas. Olham-nas, como cruzamentos de veias anegradas d'argilla schistosa, carregada em geral no escuro, e de mediana dureza. Vêem apenas, n'estas veias anegradas, ramificações concomitantes dos schistos carbonosos do sitio da Terra-negra, a que atravessa a estrada publica entre Braga e Porto.

Celebrando com fé as cruzes de Barcellos, supposta de muitos a cidade Ambracia dos antigos, decanta assim á villa o *Padre Francisco do Nascimento Silveira*, no poema o CÔRO DAS MUSAS, Part. I. Oit. XXVI:

«Ambracia, ou Barcellos, é adornada
«De portentos da Graça magestosos.

XIV.

Enobrecida com os titulos de condado e ducado, não enobrecem menos a Barcellos outros titulos grandiosos.

Esmaltam-na os brasões de grandeza, que fazem lembrar a D. João I e D. João IV, ambos libertadores do paiz contra as aggressões dos reis de Castella. Mas não a esmaltam menos os titulos gloriosos de seus filhos illustres, affamados em virtudes, armas, e letras.

Apregoa-lhes a fama as obras; exalça-lhes a historia os nomes; consagra-lhes a admiração recordações indeleveis.

Entre os escriptores dos nossos dias, aquilatam-lhes os meritos, aprimoram-lhes as qualidades, realçando Barcellos, dois conterraneos seus de não menos illustração.

O Reverendo Domingos Joaquim Pereira, abbade de Sancta Lucrecia do Louro no concelho de Villa-nova de Famalicão, e ex-thesoureiro-menor, ex-sacristão-mór, e ex-mestre de ceremonias da collegiada de Barcellos, exalta-os na MEMORIA HISTORICA da villa de Barcellos, Barcellinhos, e Villa-nova de Famalicão, impressa em Vianna do Castello em 1867, em 4.^o—E' escripto amplo e succoso, que o illustrado auctor não deixará d'ampliar ainda, e corrigir em nova edição, dando-nos a noticia completa das povoações que descreve.

O snr. Antonio Maria do Amaral Ribeiro, fundador da sociedade portugueza de beneficencia da provincia do Rio-grande de S. Pedro no imperio do Brazil, creada em 1834 em Portalegre, capital da provincia, e residente nas suas propriedades de Barcellinhos, exalta-os na sua NOTICIA DESCRIPTIVA de Barcellos.

Foi este opusculo impresso em Barcellos em 1866, e na mesma villa reimpresso em 1867, com ampliações e correccões, publicando-se ambas as vezes em 12.^o

Em ambas as edições, illustrou a NOTICIA, com algumas linhas d'introdução, o snr. Rodrigo Augusto Cerqueira Velloso, escriptor distincto da mesma villa, que lhe é patria adoptiva.

A CRITICA de Manuel Forte de Sá, á Noticia de Barcellos do snr. Antonio Maria do Amaral Ribeiro, impressa na mesma villa em 12.^o, versa quasi apenas sobre a fórma, que não sobre o assumpto. O snr. Forte de Sá, no seu opusculosinho, não desce a explanações descriptivas: indica apenas os tópicos do seu desagrado.

XV.

Dos varões e matronas illustres em virtudes, egregio é o catalogo dos filhos de Barcellos. Bastará lembrar alguns por todos.

Lembrar-se-ha Constança Dias de Villas-Boas, matrona exemplarissima, assistente juncto ao rio Ave em S. Clemente de Sande, com seu marido Fernão Machado da Maia, tronco dos Machados de Basto.

Muitas vezes, diz a tradicção, lhe crescêra na arca, em prodigio de sanctidade, o pão que repartia com os pobres: e no dia extremo da existencia, em signal de regosijo celeste, accrescenta a fama, tangeram de per si os sinos da sua parochia, festejando a ditosa morte de tam ditosa vida.

Lembrar-se-ha o Padre Vasco Gonçalves, filho de Gonçalo Domingues Villas-Boas, e valido intimo do 9.º conde D. Affonso, além de 1.º chantre da sua capella, recolhido por fim ao convento de Villar de Frades, onde fallecera sanctamente, em 1450, sendo reitor do mesmo convento, e havendo sido modêlo de charidade, e amor dos pobres.

Lembrar-se-ha Fr. Innocencio de Barcellos, eremita Augustiniano, martyrisado em França em 17 de Março de 1561, pelos lutheranos de Lunel, conjunctamente com o seu companheiro da mesma ordem Fr. Antonio d'Elvas.

Lembrar-se-ha o Irmão Pedro Fernandes, da Companhia de Jesus, martyrisado nos mares do Brazil em 1571 pelo calvinista Jacques Sorria, com mais 39 companheiros de martyrio, sendo 24 d'elles portuguezes.

Faz d'uns e outros individuada menção, com a noticia da cegueira repentina dos quatro principaes martyrisantes, o chronista Fr. Antonio da Purificação, na CHRONOLOGIA MONASTICA LUSITANA, Livr. I. Dia 15 de Julho.

Lembrar-se-ha a virtuosa mulher da freguezia de S. Salvador de Quiraz, da comarca de Barcellos, embora lhe ignoremos o nome.

Predisse esta mulher a uma visinha em 1639, no tempo da preheza, a restauração proxima do reino; confirmando o dicto com a indicação de 4 filhos que trazia no ventre, como o futuro mostrou.

Os quatro filhos, que esta mulher virtuosa dizia trazer no ventre, todos acalentava ella, como predizia á visinha, *para soldados do novo rei portuguez.*

Foi mais venturosa que Rachel, que chorava por não merecer ter filhos, para militarem á sombra das bandeiras do Messias, e darem por elle a vida aos fios da espada d'Herodes.

XVI.

Dos filhos de Barcellos, illustres em armas, insigne catalogo conserva a historia. Bastará a lembrança d'alguns por todos.

Diogo Fernandes de Villas-Boas, servindo no reinado do nosso D. Pedro I ao rei D. Pedro de Castella, na guerra contra os mouros de Granada, illustrou-se a si e á patria.

A' custa do seu braço, e com garantia do seu sangue, foi ganhar fóra do paiz honra pelas armas, como então era alvo dos nobres, e costume dos valorosos.

Gaspar Pinheiro, commendador da ordem de Christo, militou em Flandres e no Brazil, com grande renome seu, e não menos honra da patria. Grangeou postos insignes, e distincções assignaladas, nos reinados de D. Philippe III e D. João IV.

João Paes, o Velho, senhor da quinta de Sancto Antonio das Vessadas, proxima a Barcellos, militou alguns annos na Africa. Singularizando-se em feitos denodados, grangeou com elles honrosos privilegios, para si e para os seus.

O exm.^o visconde de Leiria, José de Vasconcellos Bandeira de Lemos, par do reino, e official general, condecorado com honrosas distincções nacionaes e estrangeiras, assignalou-se constantemente na carreira das armas.

Na guerra peninsular, distinguu-se como um bravo; e na acção de 25 de Junho de 1813, obteve por distincção o posto de tenente.

Na guerra do ultramar, na America, assignalou-se no Rio da Prata, como um dos proclamadores do grito nacional do Porto, levantado no campo de Sancto Ovidio em 24 d'Agosto de 1820.

Na guerra da liberdade, comportou-se continuamente como um campeão denodado, como um liberal indefesso, na sustentação do systema constitucional.

Em 1828, dirigiu em Aveiro a reacção em favor da liberdade, revoltando-se com o 10.^o batalhão de caçadores, na manhan de 16 de Maio.

Fazendo parte das reliquias do exercito constitucional do Porto, emigrou para a Gallisa, donde embarcou para Inglaterra, no porto da Corunha, com a malfadada divisão.

Na ilha Terceira, alistou-se no batalhão sagrado dos officaes, corpo sempre aguerrido e impavido como os tresentos de Leonidas, immortalizados nos desfiladeiros das Thermópilas.

No cêrco do Porto, assignalou-se desde o principio até o fim, como um dos mais bravos do Mindello, onde desembarcára com o imperador D. Pedro.

Fazendo parte da expedição do Porto a Lisboa, cooperou denodadamente, com o conselho e com a espada, para o bom exito dos seus triumphos.

No campo, e no gabinete, nunca o desamparou o anjo da victoria, protector constante do duque da Terceira, até a acção decisiva da Asseiceira em 16 de Maio de 1834.

XVII.

Bastaria, no entanto, lembrar por todos os antigos e modernos, sem faltar á exacção, um só dos filhos guerreiros de Barcellos.

E' Nuno Gonçalves de Faria, casado com D. Thereza de Meira.

E' o pae de Gonçalo Nunes de Faria, que trocára a final o seculo pelo presbyterio, e fôra abbade de Sancta Eulalia de Rio-côvo, a 6 kilómetros de Barcellos.

E' o alcaide do castello de Faria, morto pelos castelhanos de quem estava prisioneiro, por não querer deshonrar-se em recomendar ao filho, que entregasse a Pedro Rodrigues Sarmento, adiantado da Galisa, o castello que o rei D. Fernando lhe confiára.

E' o castellão nobre e honrado, digno pae d'um digno filho, a quem não desanimára o sangue derramado do progenitor, diante dos seus proprios olhos, para affrouxar nos deveres de defensor do castello.

E' o varão d'assignalada fidelidade, que estimára em menos a vida que a lealdade, prezando mais a honra que a existencia:

E' o Attilio Régulo Portuguez, que no meio dos guardas, entre o abençoar e o amaldiçoar o filho, soltára estas vozes sollemnes de *Jeronymo Corte-real*, no poema o NAUFRAGIO DE SEPULVEDA, Cant. XIII. Oit. 39:

«Guardae minha homenagem promettida,

«Que eu quero, e estimo mais, que a propria vida.

XVIII.

Dos varões illustres em letras, sobram filhos de Barcellos para eximio catalogo. Bastará só a menção d'alguns por todos.

Lembrar-se-ha D. *Rodrigo Pinheiro*, varão douto em ambos os direitos, 2.^o bispo d'Angra em 1548, e depois 51.^o do Porto em 1552, neto de Pedro Esteves Cogominho, o instituidor do morgado dos Pinheiros de Barcellos, e fallecido em 1572, com 90 annos d'edade.

Foi ornamento do reinado de D. João III; e era conhecedor consummado da lingua latina, que fallava e escrevia com elegancia.

Não o colloca a fama, no templo da Memoria, em pedestal inferior a *D. Jeronymo Osorio*, ultimo bispo de Silves no Algarve, cognominado o *Cicero Portuguez*.

Nem era *D. Rodrigo* credor de menor honra, como latinista a que andava innato «*admirabilis stilus doctus, gravis, compositus, amabilis, excussus, emunctus, et ingeniosus, in quo nihil vulgare, nihil triviale, nihil concisum, nihil denique humile*».

Basta testemunhal-o o famoso poeta de Tuy *Cadubal Gravio*, auctor da rarissima DESCRIPÇÃO da quinta episcopal de Sancta Cruz da Maia, da mitra do Porto, em versos latinos, mandada imprimir pelo mesmo prelado em Lisboa em 1568, na officina d'Antonio Gonçalves, em 4.^o mediano.

Sobeja dizel-o o consummado latinista, e professor dos antigos escholares de S. Thiago em Braga, de quem repete *Manuel de Faria e Sousa* nas RIMAS DE CAMÕES COMMENTADAS, Tom. II. Centur. II. Comm. ao Son. LXXXX :

—en poemas cultissimos el Grabio

.....

canta elegante con latino labio—

Do que *D. Rodrigo* escrevêra em vernaculo, resta-nos apenas uma só reliquia.

E' a CARTA á rainha *D. Catharina*, viuva do rei *D. João III*, escripta do Porto a 13 de Janeiro de 1561, para que não deixe a regencia do reino, na menoridade de seu neto *D. Sebastião*. Vem transcripta em *Diogo Barbosa Machado*, nas MEMORIAS HISTORICAS do reinado de *D. Sebastião*, Tom. I. Livr. II. Cap. III. §. 31, e em *Bento José de Sousa Farinha*, na PHILOSOPHIA de Principes, Tom. II. pag. 9 a pag. 27.

Faz menção d'esta CARTA, no n.^o 177, a BIBLIOGRAPHIA HISTORICA do sr. *Figaniere*. Ommitte-a o sr. *Innocencio* no DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO, omittindo igualmente o nome de *D. Rodrigo Pinheiro*: ao mesmo passo, que menciona o bispo de Leiria *D. Fr. Gaspar do Casal*, como auctor d'uma CARTA unica á mesma rainha, escripta na mesma epocha, e sobre o mesmo assumpto.

XIX.

Lembrar-se-ha *Fr. Pedro de Poyares*, franciscano da provincia da Piedade, auctor de duas obras memoraveis, e pouco vulgares.

E' una o **DICCIONARIO LUSITANICO LATINO** dos nomes proprios de regiões, reinos, provincias, cidades, villas, castellos, logares, rios, mares, montes, fontes, ilhas, peninsulas, istmos, etc., com o nome latino correspondente, dando a esse nome latino o vulgar corrente. Foi impresso em Lisboa, em 4.^o, em 1667.

E' outra o **TRACTAOS PANEGRICO** em louvor de Barcellos, em rasão das cruces naturaes que n'ella apparecem nos terreiros. Foi dado á luz em Coimbra, em 4.^o, em 1672.

Para reputação do auctor, bastar-lhe-hia o **DICCIONARIO LUSITANICO LATINO**, a que *Fr. Pedro* escreveu umas **ADDIÇÕES**, talvez perdidas, de que elle nos faz menção no **TRACTAOS PANEGRICO**, e mais d'uma vez.

O snr. *Innocencio*, no artigo respectivo do **DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO**, onde ommitte a nota d'estas *Addições*, qualifica assim honrosamente o **DICCIONARIO** de *Fr. Pedro*: — «Os que desejam escrever
« com propriedade, e segundo a legitima pronunciação portugueza,
« têm n'este livro um guia seguro, e na sua lição subsidios de valia,
« para evitar os erros grosseiros, em que miseravelmente incorre a
« maior parte dos nossos modernos traductores, não só de romances,
« mas d'obras scientificas; e até alguns auctores *originacs* (sic), que
« transportam ás yzes para a nossa lingua os nomes do vocabulario
« geographico, de modo que causam lastima aos sisudos, e provocam
« o riso aos eruditos de genio malicioso».

XX.

Lembrar-se-ha *D. João da Silva Ferreira*, formado em canones na universidade de Coimbra, conego da sé de Braga, vigario geral do arcebispado primaz, governador do bispado do Porto, deão da capella real de Villa-viçosa, bispo titular de Tanger, e conselheiro d'estado.

Nasceu no lugar de Linhares na freguezia de Sancta Lucrecia do Louro, então do antigo termo de Barcellos, e hoje do concelho de Villa-nova de Famalicão, aos 13 de Janeiro de 1682. Foi baptisado aos 14 do mesmo mez e anno, e não em 14 de Maio de 1683, como vem indicado no DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO do snr. *Innocencio*, no artigo respectivo.

Falleceu nos paços de Villa-viçosa em 19 de Janeiro de 1775: e acha-se sepultado na egreja do extinto convento de Sancto Agostinho.

Da sua selecta livraria, cabe-nos a posse d'algumas obras valiosas, por dadia cavalheirosa do exm.^o commendador Antonio Feio de Magalhães Coutinho, irmão do exm.^o visconde da Torre, e filhos ambos de José Custodio de Magalhães Feio d'Azevedo, sobrinho e herdeiro do illustre prelado.

Como escriptor, é-lhe de nome sobejo um pequeno trabalho que imprimira, obra d'assumpto controvertido, e de não facil defeza.

Publicou-se em Coimbra em 1722, em folio; e não vem notado com individuação no DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO do snr. *Innocencio*, á maneira dos demais escriptos do sabio prelado, todos mais vulgares que este, que fôra o primeiro que dera á luz.

São as ALLEGAÇÕES JURIDICAS em favor dos direitos indubitaveis do Cabido de Braga, para compellir os moradores das terras de Guimarães e Montelongo, a pagar-lhe os votos de S. Thiago, pertencentes á Meza Capitular.

Constam de XX paginas innumeradas, sem frontispicio, e sem nome d'auctor, com a designação do local e data da impressão no fim. São em fôrma de *Circular*, com espaços em branco, para poder-se escrever á mão, em cada um, o nome da freguezia respectiva.

No exemplar que possuímos, com notas manuscritas, contrariando semelhantes votos e semelhantes obrigações, indicam-se no principio, como prova sobeja do asserto, as INSTITUTIONES *juris civilis lusitani* de Paschoal José de Mello, no Livr. I. Tit. V. §§. XXI e XXII.

Poderiam citar-se ainda as REFLEXÕES HISTORICAS de João Pedro Ribeiro, no artigo consagrado ao assumpto, na Part. II. N.^o 4.

Escreveu o illustrado presbytero o artigo, como illucidação historica do DECRETO de 23 de Julho de 1822. Foi esta a lei que aboliu entre nós os mesmos votos, fundando-se na falsa origem do tributo, e na inefficacia da perpetuidade da obrigação, ainda no caso d'origem verdadeira.

Lembrar-se-ha *D. Joaquim da Encarnação*, conego regente de Sancta Cruz de Coimbra, e irmão do *Padre Manuel d'Azevedo*, da Companhia de Jesus, famoso escriptor indefesso, a quem o Papa Bento XIV dera a maior estima em Roma.

Para noicada de *D. Joaquim*, bastam-lhe os seus escriptos ha-giographicos.

Basta-lhe a *VIDA de Sancto Ignacio, patriarcha de Constantino-pla*, formando um 8.^o de 64 paginas numeradas, sem frontispicio, e sem local e data da impressão.

Este opusculo, omisso no DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO do snr. *Innocencio*, no artigo respectivo, acha-se reunido, com muita frequencia, á *EXPLICAÇÃO da Oração do Senhor*, do mesmo *D. Joaquim*.

Esta obra é em 8.^o tambem, e não em 12.^o como indica o snr. *Innocencio*, com falta da nota da officina, e da compaginação respectiva. Foi impressa na officina da Academia Liturgica; e consta de VIII paginas innumeradas, e 328 paginas numeradas.

Basta sobretudo, para nome de *D. Joaquim*, a *VIDA de S. Theotonio, conego regular, e primeiro prior do mosteiro de Sancta Cruz de Coimbra, protector prodigioso das cidades de Viseu e Coimbra*.

Verteu-a do latim o auctor, com additamentos; e imprimiu-a em Coimbra em 1764, em 8.^o, na officina da Academia Liturgica, officina igualmente ommissa no snr. *Innocencio*. Consta de XXII paginas innumeradas, e 226 paginas numeradas, seguidas de II paginas innumeradas, com uma *arvore genealogica* de S. Theotonio, em folio, com ambas as laudas impressas.

No fim, costuma andar-lhe adjuncta a *NOVENA de S. Theotonio*, no mesmo formato, sem frontispicio, e sem local e data da impressão, com 87 paginas numeradas: o que ommitte o snr. *Innocencio*, no seu DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO.

No *Prologo*, expende *D. Joaquim*, summariamente, as noticias historicas de Viseu, com grata selecção. No fim, declara-nos que os additamentos que fizera, os copiára em geral da *ESCALADA DO CEO de D. José de Christo*.

D'este escriptor, que fôra vigario de Sancta Cruz de Coimbra, prior do mesmo mosteiro, e vigario geral dos conegos regulares, e que missionára na Irlanda, dá-nos algumas noticias litterarias *Diogo Kopke*, nos seus *APONTAMENTOS ARCHEOLOGICOS*.

Sahiu a VIDA de S. Theotónio em 2.^a edição, impressa em Coimbra em 1855, na imprensa da universidade, em 8.^o, com XVII—283 paginas numeradas, seguidas de II paginas innumeradas, e IV paginas numeradas.

Anda augmentada com o retrato de S. Theotónio, e diminuida na sua arvore genealogica, além da dedicatoria do traductor. Faltam ainda estas indicações no snr. *Innocencio*.

XXII.

Lembrar-se-ha *Henrique Ernesto d'Almeida Coutinho*, cavalleiro da ordem de Christo, fidalgo da casa real, e socio da academia das bellas-artes do Porto, poeta distincto da eschola ingleza, e crítico abalizado nas artes do desenho e pintura.

Precarios lhe correram os ultimos dias da vida, «ruminando as lembranças do passado, soffrendo as privações do presente, e sem «esperanças no futuro». Assim o commenta dolorido o snr. *Innocencio*, no artigo respectivo do DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO, parodiando este bello pensamento do *Jacopo Ortis*: — «Pentimenti sul passato, noia del presente, e timore del futuro, ecco la vita!»

No volume ALGUMAS POESIAS, impresso no Porto em 1836, em 8.^o médio, acha-se a versão do *Entérro d'Atala* do visconde de *Chateaubriand*, seguida da versão do *Cemiterio da aldeia de Thomaz Gray*. Finda a obra com estas duas versões, seguidas de 6 sonetos e 4 epitaphio: e abre-se com um *Hymno ao Ente Supremo*.

Sahiu de novo este *Hymno*, revisto e aperfeiçoado, com 34 oitavas em vez de 38. e com o titulo de *Homenagem do Coração ao Ente Supremo*. Publicou-se no poemeto O MONGE E O CONVERTIDO, impresso no Porto em 1857, em 8.^o gr., na typographia de Sebastião José Pereira, com X—68 paginas numeradas.

Com estas indicações, suprem-se algumas omissões do snr. *Innocencio*, na catalogação d'estas obras.

No mesmo volume ALGUMAS POESIAS, ha uma *Ode a} Luiz de Camões, naufragando na costa de Camboja, juncto á foz do rio Mecom*.

Falta a menção d'esta *Ode* nas OBRAS DE CAMÕES do exm.^o visconde de *Juromenha*, apreciador benemerito do cantor immortal do Gama. Debalde a procuramos, nos volumes I e V, entre os *escriptos dos nossos conterraneos em louvor de Camões*.

Começa esta *Ode* assim:

«Das Eolias cavernas prorompendo

«Com furor desmedido,

«Os ventos vão em serras todo erguendo

«Já d'Amphitrite o senhorio infido.

Termina com esta falla de Jove:

«Se, ó celícolas, tanto vos commove

«O vêr que a lei forçosa do Destino

«Faz ao Varão pasmoso injuria larga;

«Notae, que, em lhe adoçar desdita amarga,

«Empreguei a Virtude: e ordeno á Gloria,

«Que no templo o eternise da Memoria.

Das poesias d' *Henrique Ernesto*, aquilatadas pelo seu CÊRCO DE CORINTHO, vertido de Lord Byron, e impresso no Porto em 1839, em 8.º gr., eis-aqui uma qualificação exacta:— «A poesia do traductor do CÊRCO DE CORINTHO, é moderadamente archadica, selectamente portugueza, e mais pensadora que euphonica. As excellencias dos originaes inglezes, luzem e sobresaem nas versões. Ha mestres do inglez, amantissimos dos arremêcos poeticos do cantor do *Child-Harold*, que lêem de preferencia, na vernacula versão do sur. *Henrique Ernesto*, aquelle adeus a *Lady Byron*, o gemido de mais sentimental, de mais saudosa poesia, que fugiu ao mysterioso seio do exquisito bretão».

Vem esta apreciação no MUNDO ELEGANTE, *periodico semanal de modas, litteratura, theatros, e bellas-artes*, editado no Porto em 1839, em folio, com lithographias e musicas. Acha-se no n.º 14, publicado em 23 de Junho, no artigo *Escreptores Portuenses*.

Proferiu a rasão esta qualificação, pela bocca do indefesso romanista *Camillo Castello-Branco*, prosador e poeta distincto.

XXIII.

Não lembramos *Antonio de Villas-Boas e Sampaio*, auctor da NOBILIARCHIA PORTUGUEZA, como filho illustre de Barcellos; porque só lhe fôra patria adoptiva a rainha do Cávado.

O nobiliarchista consummado, e jurisculto famoso, nasceu na freguezia de S. Martinho de Fareja, então do termo de Guimarães, e hoje do concelho de Fafe.

Contal-o, por isso, como filho de Barcellos, seria representar de gralha, enfeitada com pennas de pavão.

O auctor da NOBILIARCHIA nasceu em Fareja, e morreu em Barcellos, nas datas assignadas por *Barbosa Machado* na BIBLIOTHECA LUSITANA, aos 27 d'Agosto de 1629 e 26 de Novembro de 1701.

Na mesma freguezia de Fareja, e com D. Anna de Carvalho e Sampaio, casou seu pae Diogo de Villas-Boas Caminha, senhor do solar de Villas-Boas no termo de Barcellos: e recebeu-se em 14 de Novembro de 1627.

Assim consta dos LIVROS dos baptismos, casamentos, e óbitos de S. Martinho de Fareja, a folh. 21, 121, e 4 vers., hoje archivados n'esta cidade no cartorio dos LIVROS findos do arcebispado, no seminario diocesano de S. Pedro.

No entanto, era sobejo o testemunho expresso do *abbade de Sevré*, para o snr. *Innocencio* nos não dar em duvida, no DICIONARIO BIBLIOGRAPHICO, a naturalidade de *Antonio de Villas-Boas e Sampaio*.

Os que o têm copiado, confiados na alludida ambiguidade, terão d'emendar-se desde ora ávante.

XXIV.

Entre os antigos filhos de Barcellos consagrados ás letras, ha um, que nem pessoalmente é bem conhecido dos nossos bibliógraphos.

E' *Manuel da Rocha Freire*, licenciado em direito civil pela universidade de Coimbra, juiz dos orphãos na cidade do Porto, e provedor da comarca de Vianna do Castello, então Vianna da foz do Lima, onde fôra igualmente superintendente das decimas.

O sr. *Innocencio*, no DICIONARIO BIBLIOGRAPHICO, dá-o como auctor d'uma obra que não é sua, na fé de *Diogo Barbosa Machado*, auctor da BIBLIOTHECA LUSITANA.

É a REGRA MILITAR, *offerecida ao príncipe D. Theodosio de Bragança*, editada em Lisboa em 1642, em 4.^o e não em 8.^o, comprehendendo 12 paginas e meia d'impressão, sem a numeração expressa.

Editou-a Lourenço de Queiroz, livreiro da casa de Bragança, na officina de Domingos Lopes Rosa : e declara na *dedicatoria* a D. Theodosio, que «em 1541, e no reinado de D. João III, fôra publicada a « mesma obra, sendo então applaudida de todos».

Consta de 9 capitulos, precedidos d'uma advertência á *bellicosa gente, e inexpugnaveis guerreiros*, em que o auctor se desculpa, como RELIGIOSO, por dar á luz *maximas da guerra*.

Conjuncta com a REGRA MILITAR, editou Lourenço de Queiroz a *RELAÇÃO do que fizeram os moradores de Barcellos, desde o dia em que na villa acclamaram D. João IV, logo que foi acclamado em Lisboa em 1 de Dezembro de 1640, até o ultimo de Janeiro de 1642*.

Esta obra, é que é de *Manuel da Rocha Freire*, que a ultimára em Barcellos em 1 de Fevereiro de 1642, offercendo-a directamente a D. Theodosio de Bragança. Occupa 3 paginas e meia d'impressão.

Assim consta da data final da *RELAÇÃO*, e da *dedicatoria* de Lourenço de Queiroz, offercendo de novo ao príncipe ambos os opusculos.

N'esta *dedicatoria*, declara o editor, que lhos enviaram dois differentes criados de D. Theodosio, a fim de os dar á luz.

XXV.

Nasceu *Manuel da Rocha Freire* em Barcellos, em 30 de Julho de 1586 ; e foi filho de Belchior Freire e Apollonia da Rocha.

O ministro que o baptisára, foi o Licenciado Manuel Vallejo, prior da matriz, e provavelmente castelhano d'origem, como o appellido dá a indicar.

Falleceu na villa de Prado, com 82 annos, aos 14 de Dezembro de 1668 ; e foi enterrado em Barcellos na igreja da Misericórdia, amortalhado no habito de S. Francisco.

A tres clérigos, que d'uma villa a outra, na distancia de 15 kilómetros, acompanharam o cadaver, deu-se-lhes d'esmola 600 reis a cada um !

Teve o finado tres dias de missas geraes ; e no fim do tríduo, um officio de nove lições, com acompanhamento geral de clerezia, dando-se d'esmola a cada clerigo 30 reis !

Assim consta do LIVRO *dos fallecimentos da villa de Barcellos*, a folh. 52, hoje archivado n'esta cidade no cartorio dos LIVROS *fin-dos do arcebispado*, no seminario diocesano de S. Pedro.

Em 'ALVARA' de 11 de Maio de 1663, em que é nomeado provedor da comarca de Vianna, antes de o ser como superintendente das decimas da mesma comarca, declara-se haver elle servido muito a contento do govêrno, no logar do juizado dos orphãos no Porto.

Nem *Barbosa Machado*, nem o sr. *Innocencio*, dão noticias pes-soaes de *Manuel da Rocha Freire*, na BIBLIOTHECA LUSITANA e no DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO.

XXVI.

Como raridade bibliographica, não manuscada sem duvida, nem pelo sr. *Innocencio*, nem pelo sr. *Figaniere*, nem ainda por *Barbosa Machado*, sahe agora á luz de novo a *RELAÇÃO de Rocha Freire*, reimpressa com fidelidade. Não seria justo adereçar o passado com os enfeites do presente.

Que o sr. *Innocencio* não teve á mão a *RELAÇÃO*, comprova-o a falta de compaginação no artigo respectivo do DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO. A compaginação é sempre cotada pelo indefesso e erudito bibliógrapho, nos livros que manusea. Nos que não compulsa, não a cota.

Comprova-o ainda a confusão do mesmo artigo, extrahido da BIBLIOTHECA LUSITANA de *Barbosa Machado*, confundido egualmente como o sr. *Innocencio*, em relação ao que *Rocha Freire* escrevêra. O que prova, que o *abbade de Sevër* não chegára a manusear tambem a *REGRA MILITAR*. Tam rara já então era ella, no século passado !

Que o sr. *Figaniere* não teve tambem á mão a *RELAÇÃO*, comprova-o a falta da menção respectiva na BIBLIOGRAPHIA HISTORICA, entre os escriptos congêneres da epocha da restauração, descriptos miudamente pelo illustrado bibliógrapho.

XXVII.

Com esta reimpressão, attingem-se dois fins ao mesmo tempo, ambos nobres e honrosos.

Em primeiro lugar, salva-se da perda imminente, mais dia menos dia, a um escripto de poucas laudas, quasi ignorado, e que tem na propria pequenez uma causa congenita de destruição.

Em nossos dias, apenas uma só vez, em 1870, veio este escripto ao mercado de livros antigos em França, não escasso frequentemente em raridades hispanholas e portuguezas. Vendeu-se na affamada livraria *Tross* de Paris, cotando-se no CATALOGO da casa em 4 francos (720 reis), no n.º 1783 do N.º VI d'esse anno. E' o exemplar que se reimprime agora.

Em segundo lugar, vulgarisam-se os feitos patrioticos dos barcelenses na restauração de 1640, illustrados como foram, até a paz final de 1668, com o nobre auxilio de 7 terços effectivos, 300 carros, e 1500 gastadores, além dos terços das ordenanças.

XXVIII.

Com a vulgarisação d'estes heroismos, escurece-se ainda, aos filhos de Barcellos, um desaire lamentavel.

Absolvem-se da triste fuga, outr'ora commettida na conquista de Ceuta na Africa em 1414, no reinado de D. João I, abandonando as estancias das muralhas que o rei lhe confiára.

Esquece-se-lhes esse infeliz pavor d'então, no mesmo acto reparado galhardamente pelos vimaranenses, que se dividiram de prompto em dois terços, defendendo com denodo as estancias confiadas a Guimarães e Barcellos.

Releva-se-lhes esse triste labeo, depois expiado á larga pelo senado barcelense, obrigado por D. João I a ir varrer a praça e os açougues de Guimarães, nas vespersas das festividades camararias. Hiam os vereadores com um pé calçado e outro descalço, barrete vermelho na cabeça, banda da mesma cór ao hombro, espada á cinta, e vassoura de giesta na mão!

Assim o documenta o *Padre Antonio Carvalho da Costa*, na CHOROGRAPHIA PORTUGUEZA, Tom. I. Livr. I. Tract. I. Cap. XIX : documentando egualmente, como Barcellos cedêra a Guimarães as freguezias de Cunha e Ruilhe, hoje do concelho de Braga, a fim de seus moradores cumprirem por giro a punição do mestre d'Aviz, aximindo-se de tam pezada missão a rainha do Cávado.

XXIX.

Esta vulgarisação da RELAÇÃO, escripta por um filho de Barcellos, testimunha ocular dos feitos da villa na restauração, vem preencher ainda uma lacuna historica nos annaes da epocha. Vem pôr em relêvo o silencio d'uns annalistas, e desfazer a inexactão d'outros.

NO PORTUGAL RESTAURADO do *conde da Ericeira D. Luiz de Meneses*, ao fallar-se da tomada do castello de Vianna da foz do Lima em 1640; diz-se apenas o seguinte no Tom. I, no fim do Livr. II :— «O castello de Vianna, guarnecido d'infanteria de Castella, se poz em « defenza : attacaram-no, e renderam-no galhardamente os moradores, « ajudados d'alguma gente de Braga, Guimarães, e outros logares».

Na RESTAURAÇÃO de *Portugal Prodigiosa*, publicada em nome do *Doutor Gregorio d'Almeida*, ao fallar-se da mesma tomada de Vianna, diz-se o seguinte na Part. II, no fim do Cap. IX :— «Sanctiago, « o castellão, teve logar para se certificar e prover ; por quanto soube « pelo correio o estado em que Lisboa ficava, com a aclamação de « sua magestade».

« Tractaram logo os viannezes d'entrar na fortaleza, e queriam « fazel-o á escala franca, como valorosos portuguezes : porém pareceu « mais acertado pouparem-se para outras batalhas».

« No primeiro logar, se procurou impedir, que não podesse vir « soccôrro de Gallisa aos da fortaleza por mar : para este effeito le- « vantaram em uma noite juncto ao mar, da parte que corre para « Caminha, uma plata-fôrma em que pozeram peças, que tiraram « d'alguns navios que estavam no rio».

« N'este comenos, quizeram os de Braga acudir com bandeiras « de soldados, e o mesmo intentou o baliô Fr. Braz Brandão ; e o « doutor João Rodrigues Fontoura desceu de Barcellos com muita

« gente: porém os viannezes o não soffreram, dizendo que, para « render o castello, elles sobejavam».

« Em outra noite, levantaram com summa diligencia alguns ba-
« luartes, com que, á luz da manhan, se viram os da fortaleza cer-
« cados; e com isso se entregaram a partido».

« Sua magestade encarregou o governo d'ella a Manuel Telles de
« Menezes».

XXX.

Ao silencio do primeiro historiador, e á inexacção do segundo, responde triumphantemente a *RELAÇÃO* de *Rocha Freire*, restabelecendo a verdade dos factos.

Comparados uns e outros, vêr-se-ha como poderia dizer-nos o filho illustre de Barcellos, o que a rasão dissera outr'ora pela bocca de *Voltaire* na *HENRIADA*:

«Descends du haut des Cieux, auguste vérité,
«Répands sur mes écrits ta force et ta clarté!

XXXI.

Possa exaltar-se a rainha do Cávado, com a *RELAÇÃO dos feitos dos barcellenses na restauração de 1640*, precedida da *Noticia geral de Barcellos*, ampliada da que demos á luz em 1862 na *REVISTA DE BRAGA*, no N.º 6 de 5 d'Abril!

Possa esta vulgarisação desanodoar de todo a pagina marcada da historia de Barcellos!

Possa a lembrança dos heroismos do seculo XVII, nascidos do ardor do amor da patria, excitar o esquecimento dos desares do seculo XV, nascidos do sobre-salto da alarina dos mouros, que não de cobardia dos filhos de Barcellos!

Assim lhes é devido com razão, como paladinos tam denodados da restauração no Minho, que d'elles canta com arrôbo o *Padre Manuel de Galhegos*, no poema o TEMPLO DA MEMORIA, Livr. III. Sext. 181:

«Só de Barcellos houve alardo um dia,
«Em que o sol, por os campos dilatados,
«Com terrivel e fera galhardia
«Dezesepte mil peitos viu armados!

Braga, Março, 1871.

O PROFESSOR DE MATHEMATICA

P. C.

**RELAÇAM DO QUE FIZERAM OS MORADORES DE
BARCELOS, DO DIA, QUE ACLAMARÃO A
SUA MAGESTADE, ATÉ O VLTIMO DE
JANEIRO DE 1642.**

Offerecida a seu Principe, & Senhor Dom Theodosio.

LOUVORES em boca propria, muito alto, & soberano Senhor, estão censurados por vilezas, porem nesta occasião não incorrem esta censura os que se dirigem a acreditar fidelidade de vassallos, & a dar animo, & brios para a defensam da patria: E assi ainda que eu, por ser natural da Villa de Barcellos, pareça testemunha apaixonada, defendermehei com a verdade do que relato, & com ver que na abundancia de relatores do que as outras fizerão, atè agora não ouue quem refirisse o animo, com que a dita Villa aceitou a felice aclamação de S. Magestade, & o valor, com que a defendeu.

Naõ foi necessaria mais q' a primeira noticia, porque sê esperar muita certeza, logo os moradores de Barcelos tomarão a voz do Serenissimo Senhor, & Rey seu D. João o IV, poucos dias depois que a tomou a Cidade de Lisboa, nem ficarão áquê das outras Villas nos applausos publicos, com que festejarão aquelles primeiros dias.

Notorio he, que depois de rendidas as mais fortalezas do reino, q' até então estauão presidiadas de Castelhanos; só a de Viana pretendeo resistir, não querendo o Castelhana entregalla. Logo os moradores daquella Villa a sitiãram, pello melhor modo, que a occasiam o permitia: & pedirão á de Barcelos por cartas, que escreueram ao Capitam mòr da Villa, & aos senhores da Camara, q' os ajudassem com duzentos homês.

Acudioselhe sem dilação, porque o Capitam Ioam Rodriguez Fontoura, mostrando em tudo a grandeza de seu animo, & fidalguia, marchou para Vianna com
toda

toda a Nobreza da Villa, & de seu termo, q' passaraõ de setecentos. homês, nos quais entrãõ trinta, & tres Capitaês da Ordenança, que ha na Villa, & seu districto, em que també estão alistados desasete mil homês; que pôdê tomar armas. Deixarãõ os Capitaês ordê, q' sendõ necessaria a mais gente, partisse logo com suas armas, leuando elles as que erãõ necessarias para a occasião, & fazendo todos os gastos á sua custa; nê desemparrãõ o Castello, assistindo sempre em armas até que elle se rendeo, passados oito dias.

Tinha a Villa nesta occasião hũ deposito de sete mil cruzados, os quais auia muito têpo estauão reseruados para elRey de Castella, & sempre retidos, como adeuinhando os que governauãõ a Villa, que auião de vir a ter melhor seruiço: Estes offereceram, & dêram para o que fosse necessario do seruiço de sua Magestade que Deos guarde.

Derãõse com fachos circunuesinhos, & outros auisos, muytos rebates, sempre nelles se achou muito aluoroço no
acudir,

acudir, & vôtade de pelear, como são muitos, não posso reduzilos a numero & compendio. No mes de Janeiro se deu hã occasionado de se dizer que o Castelhaño, & Gallego tinhaõ entrado por a Portella de Homê. Estaua neste tẽpo por Capitão mòr posto por sua Magestade Ruy Pí-nheiro de Lacerda, & exercitaua, com toda a satisfação, o que tocua a seu Officio: lançou bando; mandou marchar a gente: ajuntaramse com muita pressa na ponte do Porto, paragê, em que se esperaua o inimigò. Os q' aly se acharão para lhe fazer rosto, passauã de dez mil.

No mes de Mayo mandou o General D. Gastam Coutinho por ordê, q' tinha de S. Magestade, q' o Capitão mòr marchasse cõ a gête para a Villa do Gaminha, praça, em q' se esperaua o inimigo, sete legoas distante de Barcelos, o q' ellê exercitou com toda a vôtade, & fazendo o gasto á sua custa, por conta do qual corria tãbem o gasto de muita gente. Mostrou bem o zelo do seruiço de sua Magestade com passante de dez mil homês, que aly assistiram por espaço de onze dias,

Mandou o General, q' as companhias dos homêes nobres desta Villa fossê segûda vez á de Caminha, por quãto o inimigo cõ suas aerias traças desinquietaua aquelle pouo. Governaua as armas o Capitão Frey Diogo de Mello, o qual logo deu á execução aq'lla ordê, mãdãdo a toda a gête: q' marchasse. Obedecerão todos com custos proprios em espaço de oito dias, os quais acabados voltãrão tristes, por não auer occasião de se encõtrarê com o inimigo.

O como era tanta a gente, q' acudia á Villa de Barcelos, ordenou o General, q' fossê cada oito dias duas Cõpanhias á dita Villa de Caminha, refazendo a falta q' auia de soldados pagos. Obedecerão os Capitães effectiuamente, gastãdo nestas jornadas grãde parte de sua fazenda, com muita liberalidade, em seruiço de seu Rey, & de sua patria.

Parece q' corre por conta de Barcelos o bêafortunado encõtro, q' o General D. Gastão Coutinho teue na Ponte das Varzes, & Lamas de Moure. Mandou o General ao Capitão mór Frey Diogo de Mello, q' sem exceiçã de pessoa,

soa, acodisse cõ toda a gente. Em execuçaõ desta ordẽ se repartirão logo as cõpanhias para occuparẽ os postos, q' occupauão as Cõpanhias pagas. Forão mãdados á Villa de Caminha o Capitam Belchior Machado, & Manoel do Rego de Andrade: para Valença do Minho o Capitam Francisco Pinheiro: para Villa nova da Cerueira Andre Leitam de Abreu.

Todas as mais Cõpanhias da terra marcharão para Melgaço, aondẽ assistia o General, & dahi a Lamas, onde ficou por Cabo da gente q' veio, q' passaua de dez mil homẽs, o Capitão Fr. Diogo de Mello, alojado á vista do inimigo, q' naquella occasião fundaua boas esperanças no grande poder, que tinha junto.

Mãdou o General, q' ficassẽ em Melgaço duas Cõpanhias, & grãde parte da gẽte nobre. E porq' o poder do inimigo era grãde no Porto das Varzes, & o posto ar-riscado, mandou o General, q' os nossos marchassẽ a se encõtrar cõ elle, desmintindo suas esperanças, & demasia-da confiança: antes intimidandoos tanto, que os obrigou a dar as costas muito á sua custa, & a seu pezar.

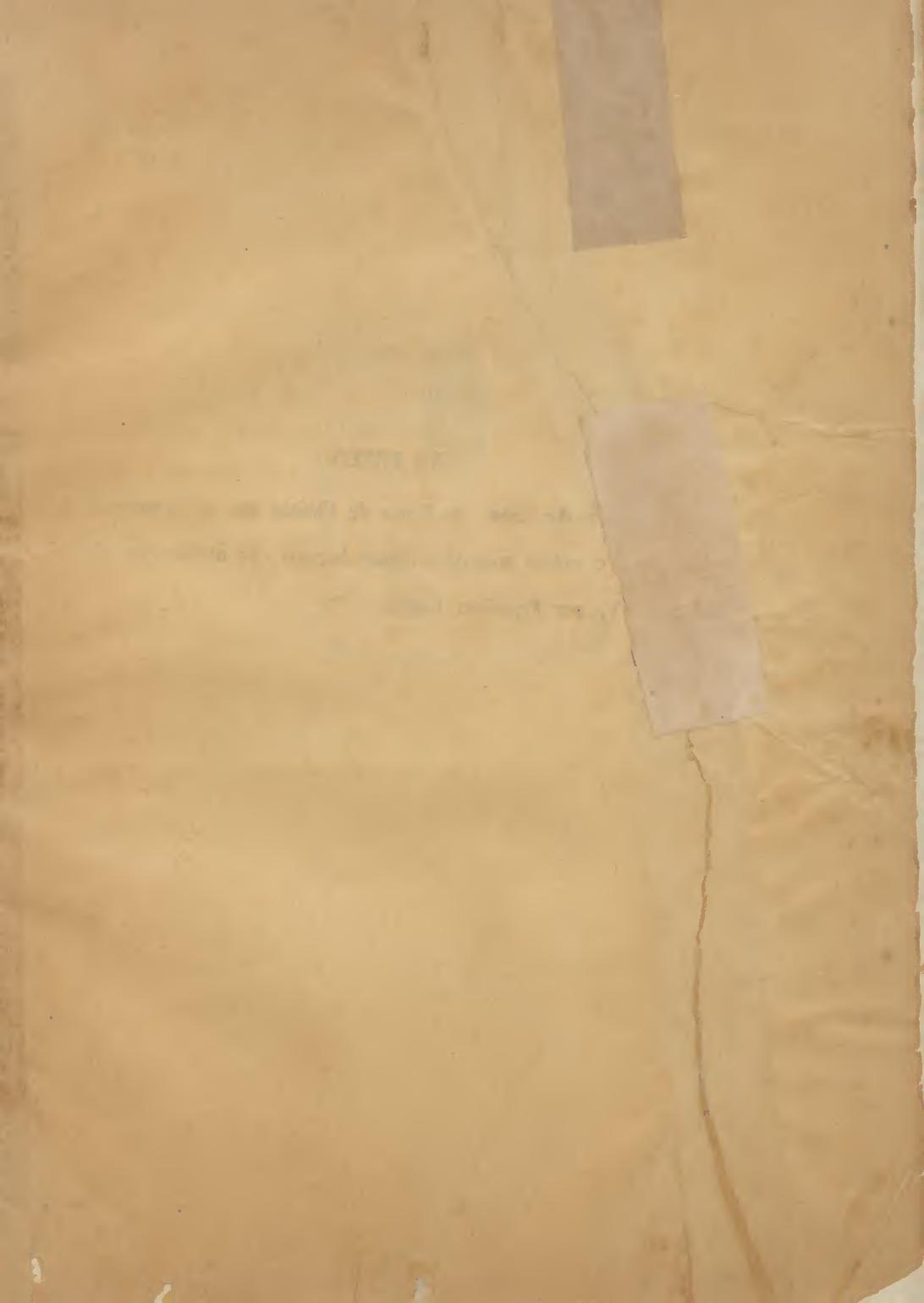
Em Lamas de Moure governava o exercito o Capitão mór Fr. Diogo, a quê se deue grande parte da vitoria, pello modo, com q' o dispôs, sendo o principal o General, cujo esforço renoua o antigo valor, & brio dos Portugueses. Assistirão neste posto como Capitão mór (afora muita outra gente das comarcas vesinhas) Pedro de Faria de Almeida, Balthesar de Moura, Pero de Faria de Almeida, Ioão Francoso Lençoes, Ioão Machado de Faria, Frãscisco Machado de Azeuedo, Ieronymo de Andrada, Paulo de Andrada, Diogo de Médanha, & Antonio de Abreu, q' tinha o posto de seu tio Frãscisco Machado de Caramona, Ioão Lobo Pinheiro, Fernão de Andrade do Valle, Frãscisco de Faria, & Frãscisco de Mirãda, & outros muitos Capitaês, a quê basta a publicidade de suas façanhas para serê bê conhecidos, os quais todos derão cõta de seus postos cõ muita satisfaçõ, assi na entrada, como na preza, q' fizemos nos Capitaês Castelhanos, q' foraõ seis, & hũ Sargêto mór, hũ Alferes, & muitos soldados, ficãdo no cãpo muitos mortos, & algũs despojos, q' já ê outra relaçaõ, estaõ referidos.

Hoje tê mandado o Capitaõ mór Fr. Diogo de Mello, q' as Cõpanhías da Ordenança entrê de guarda, para se exercitarê na theorica da milicia. Vltimamête desta Villa de V. A. tê saido mais de mil homêes pagos, dos quais a maior parte está nas frõteiras do Reyno, aonde mostraõ, & mostraraõ serê sêpre os primeiros no amor, como saõ primeiros em serê vassallos de V. A. por naturaes de hũa terra, q' foi a primeira, de quê V. A. se intitulou Duque, & Senhor, & agora he Principe, a quê todos desejamos dilatados Imperios, pedindo a Deos a vida de taõ dignissimo Principe, q' o Ceo augmente.

Barcelos, de Feuereiro o primeiro de 642.

HENRILDE VASSALLO DE V. A.

Licenciado Manoel da Rocha Freyre.



NO PRELO

Favores do ceo, no Braço de Christo que se despregou da cruz, etc., e outras maravilhas dignas de notar, na acclamação d'el-rei D. João IV, por Francisco Lopes.

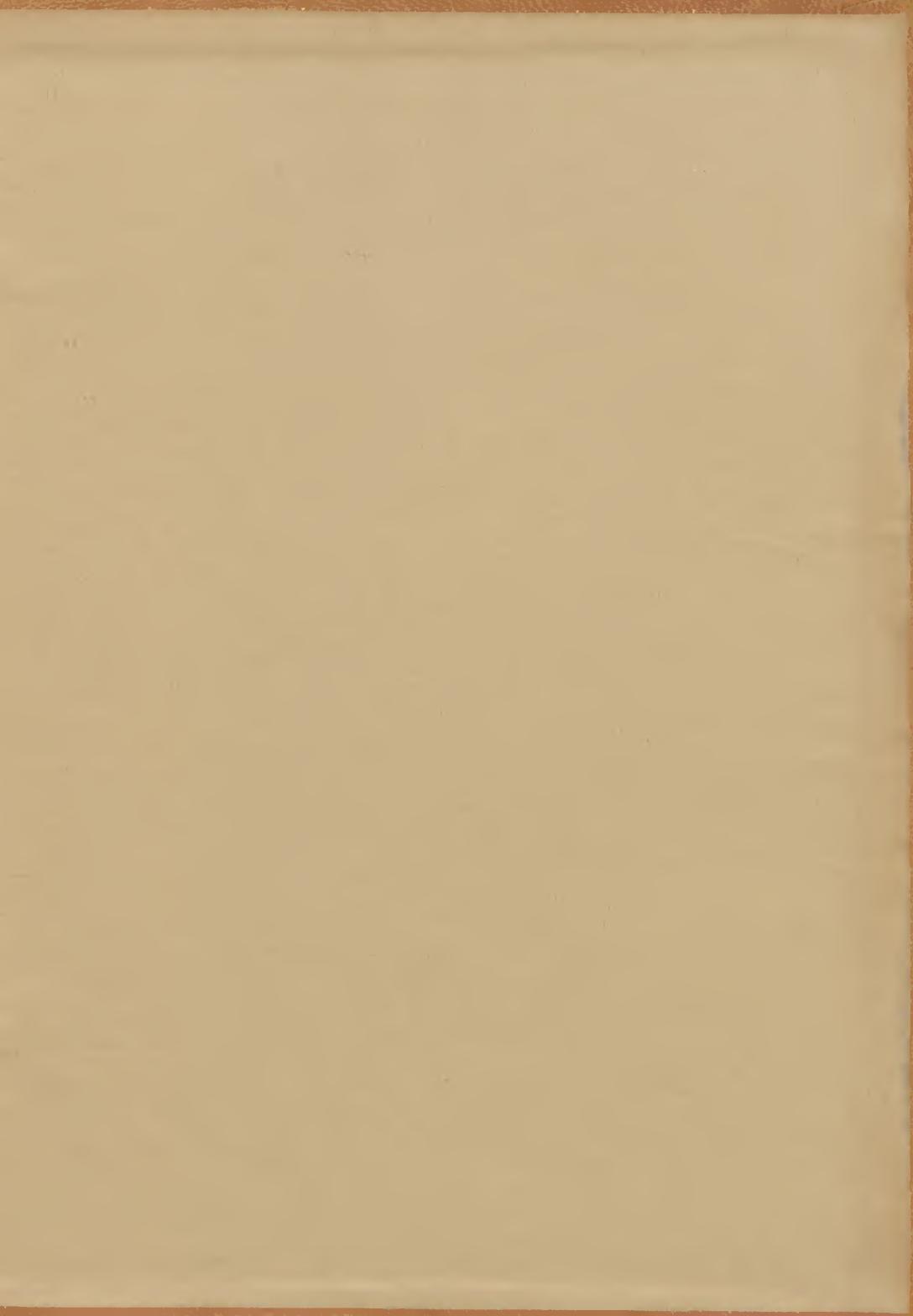
2026—Rocha Freire (Manuel da).—Raridade bibliographica. Relação histórica do que fizeram os moradores de Barcellos, desde o dia em

que na villa acclamaram D. João IV, apenas sabida a restauração da capital em 1 de Dezembro de 1640, até o ultimo de Janeiro de 1642. Pelo Licenciado... Precedida d'uma noticia geral da villa de Barcellos, escripta pelo Professor Pereira-Caldas. Braga. Livraria Internacional, 1871. In-4.º de 31-X págs: B.

Tiragem limitada de exemplares em papel de linho.

Biblio theca
Conde  Sucena

C..Leilão....
M.dos.Santos
Em 24-I-927..
Nº ...2026.....
Preço.....13\$20



biblioteca
municipal
barcelos



33388

Relação histórica do que
fizeram os moradores de B